

HENRI WALLON: LEITOR DE ROUSSEAU

HENRI WALLON: A READER OF ROUSSEAU

Regina TAAM¹

RESUMO

O trabalho que apresentamos integra a pesquisa “O pensamento pedagógico de Henri Wallon. Educação e Marxismo”. Analisamos a leitura que Wallon fez de “Emílio ou da Educação”, de Rousseau, para o qual escreveu uma introdução, na edição de 1958. Buscamos capturar os elementos progressistas e as contradições do Grupo Francês de Educação Nova (GFEN), presidido por Wallon. As críticas feitas a “Emílio” evidenciam a aprovação à psicologia de Rousseau, exceto quando trata do feminino, e o reconhecimento de que os contrastes, paradoxos e as antíteses, que marcam o pensamento rousseauiano, evidenciam um “espírito dialético”, ao qual Wallon rende homenagens. Por outro lado, o lugar atribuído à sociedade, na obra em questão, e a proposta de uma educação fortemente individualista são o ponto de ruptura entre a pedagogia burguesa, que Wallon encontrou em “Emílio”, e que criticou em muitos escolanovistas, e a pedagogia progressista, cujas bases apresentam-se, cabalmente, no texto de Wallon que analisamos.

Palavras-chave: Henri Wallon; Rousseau; Educação Nova; Pedagogia Progressista.

ABSTRACT

The work herein presented composes “The pedagogical thought of Henri Wallon. Education and Marxism”. We analyze how Wallon read “Émile or on Education”, by Rousseau, whose introduction he wrote for the 1958 edition. We seek to point to the progressive elements and the contradictions of the French Group of New Education (GFEN) presided by Wallon. The critique of “Émile” serves as evidence of the approval of Rousseau’s psychology, except when regarding the feminine, just as the recognition of the contrasts, paradoxes and antitheses, characteristics of Rousseau’s thinking, point to a “dialectic spirit”, which Wallon much praises. On the other hand, the position attributed to

¹Doutorado em Educação pela UFF. Professora Adjunta, Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Curitiba, PR. E-mail: <rtaam2001@yahoo.com.br>.

society, and its proposal of a highly individualistic education, are the point of rupture between the bourgeois pedagogy - which Wallon found in "Émile" and which he criticizes in several new-scholars - and the progressive pedagogy, whose fundamental principals are presented in the work of Wallon analyzed here.

Keywords: Henry Wallon; Rousseau; The New Education; Progressive Pedagogy.

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho foi inspirado pelo livro de Émile Jalley (1981), "Wallon, lecteur de Freud et Piaget". Jalley diz que Wallon, Freud e Piaget merecem estar juntos pela importância que têm para a psicologia moderna e seus fundamentos científicos. Quanto a Wallon e Rousseau, nosso olhar de pedagoga vê dois homens, cujas vidas, vividas em tempos diferentes e em diferentes condições, produziram obras que influenciaram e continuam influenciando a educação. No caso de Rousseau, uma obra se destaca: *Emilio ou da educação*; em Wallon, destaca-se a sua psicologia da criança e as bases da pedagogia progressista (SNYDERS, 1979).

Antes de construir uma psicologia da criança, Wallon interessou-se pelo adulto que viu sair das frentes de batalha, na primeira guerra mundial, com transtornos mentais. Estudou as psicose produzidas pelo conflito e começou a escrever uma teoria das emoções. Era, nesse tempo, psiquiatra e estava terminando sua tese de doutorado, interrompida pela guerra. Aqui começa a psicologia de Wallon, direcionada às crianças, cujos transtornos psicomotores e mentais são objeto de seus primeiros estudos. Os estágios do desenvolvimento da pessoa é o tema no qual se dá o encontro da psicologia de Rousseau e de Wallon. Este começa a estudá-lo a partir da observação de 214 crianças anormais, das quais descreve os estágios de desenvolvimento psicomotor. A observação foi, na psicologia de Wallon, o que a imaginação foi na psicologia de Rousseau.

A psicologia de Wallon fala de crianças concretas, "filhos de operários da mecânica e da mineração, de funcionários públicos, filhos de estrangeiros, especialmente italianos" (TAAM, 2004, p.21), que freqüentavam uma escola na periferia de Paris, em Boulogne- Billencourt. Ali funcionava seu Laboratório de Psicobiologia da Criança, criado em 1925. Quando Wallon fala aos professores, de questões pedagógicas, refere-se à experiência vivida na relação com os professores dessa escola, ou seja, igualmente pessoas concretas, em situações concretas. Já a psicologia e a pedagogia de Rousseau, em *Emilio*, partem de um personagem criado "a partir de certos dados psicológicos e sociais para melhor representar os efeitos de uma certa educação. É um modelo hipotético" (WALLON, 1958, p.59). Dessa forma, a distância que separa as idéias de Wallon das de Rousseau é a que separa a realidade da ficção, a ciência da intuição; há, ainda, a distância de quase dois séculos. Tivemos que esperar até o final do séc. XIX para termos os primeiros resultados de uma observação sistemática da criança, realizada por Preyer (1881). Outros vieram: Gessel, Piaget e Wallon (TRAN-THONG, 1992). A psicologia genética tomou corpo, ganhou espaço, respondeu algumas questões e suscitou outras.

Em 1962, poucos meses antes da morte de Wallon (1879-1962), em dezembro, Jean Piaget (1886-1980) escreve um texto, como diz ele "para render homenagem à obra de Henri Wallon" (1975, p.169); mais adiante Piaget irá adjetivar: "a bela obra de Wallon". Essa obra, traduzida em dez idiomas e destinada a amplo público, formado por psiquiatras, sociólogos,

psicólogos e educadores, ainda é pouco conhecida no Brasil. Embora Wallon tenha marcado a distância que o separa de Piaget, e este tenha feito o movimento contrário, a homenagem de Piaget engrandece a ambos.

Emílio, ou da educação, de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), foi impresso na Holanda em 1762. O livro e o autor foram condenados pela monarquia francesa, o primeiro à fogueira, o segundo à prisão, ambos repudiados por católicos e protestantes.

Ao trazer a crítica de Wallon a Rousseau, pretendemos focalizar um momento de um grande intelectual, Henri Wallon, que durante muitos anos ocupou a cátedra Psicologia da Criança, na Sorbonne, e para o qual foi criado, no Collège de France, em 1937, o curso de Psicologia e Educação Escolar. Suas contribuições no campo das ciências humanas repercutem, fortemente, na prática pedagógica de educadores progressistas.

A influência de *Emílio* no pensamento pedagógico é sobejamente reconhecida. Manacorda(2000, p.242) diz :

Rousseau revolucionou totalmente a abordagem da pedagogia, privilegiando a abordagem que chamarei “antropológica”, isto é, focalizando o sujeito, a criança ou o homem, dando um golpe feroz na abordagem ‘epistemológica’, centrada na reclassificação do saber e na sua transmissão à criança como um todo já pronto. Pela primeira vez, ele enfrenta com clareza o problema, focalizando-o “do lado da criança” considerada não somente como *in fieri*, mas propriamente como criança, ser perfeito em si.

A psicologia de Rousseau

Wallon, no trabalho que é objeto desse estudo, *Introdução a Emílio*, destaca a influência de Rousseau na filosofia (moral kantiana), na psicologia (etapas do desenvolvimento, sensações) e na pedagogia (Educação Nova]. Wallon (1958, p.7) considera que *Emílio* ocupa

“um lugar central” na obra de Rousseau. Ali estão, de forma completa e sistematizada, suas principais idéias, que tanto interesse despertaram nos educadores.

A Introdução a Emílio foi um dos últimos textos escritos por Wallon. Aos 79 anos, quase totalmente imobilizado por um acidente automobilístico, tendo perdido Germaine, companheira de muitos anos, Wallon demonstra extrema lucidez e refinado senso crítico, nas 53 páginas em que analisa o texto de Rousseau.

Em primeiro plano, destacam-se os comentários acerca da psicologia de Rousseau, que fala do desenvolvimento infantil, da aprendizagem, das paixões, das sensações e das questões de gênero. A esses temas foi dado mais espaço do que às questões pedagógicas, fato que se compreende, pois Wallon, tendo sido médico e filósofo, foi, principalmente, psicólogo.

A leitura que faz de *Emílio* evidencia sua adesão ao materialismo histórico, elaborado por Marx e Engels “que foram os primeiros a afirmar a realidade das determinações sociais, o fundamento objetivo das leis numa sociedade determinada” (1958, p.52). Rousseau, diz Wallon, evidencia, no plano da psicologia da educação, algumas intuições que revelam um “espírito dialético” (op.cit., p.60), que se traduz em proposições ricas em contrastes, em contradições e em antagonismos. Wallon aprecia essas características, mas aponta seus limites: não se trata, em Rousseau, de um método de investigação, mas de pensar a realidade, movendo-se entre uma concepção ora espiritualista, ora racionalista do mundo. As contradições não avançam no sentido de uma síntese, ou seja, não se resolvem dialeticamente, como em Marx e Engels. Mesmo que Rousseau antecipe “a magnífica fórmula de Engels: a consciência da necessidade fundamenta a liberdade” (op.cit., p.53), temos que considerar o significado que o termo consciência tem em Rousseau: “instinto divino, imortal e celeste voz; guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre” (apud WALLON, op.cit., p.53). O termo consciência, utilizado por Engels, não nos fala “a língua da natureza” (idem), mas da história.

Wallon (op.cit, p.12) salienta em Rousseau uma idéia fundamental para a psicologia infantil:

A idéia de que, de idade em idade, o desenvolvimento da criança passa por etapas sucessivas é claramente afirmada por Rousseau. As divisões do seu livro apontam esta convicção, cada parte respondendo a uma idade determinada. Esta é uma idéia que hoje é admitida pela maior parte dos psicólogos.

Wallon refere-se a si mesmo, pois construiu uma teoria do desenvolvimento da personalidade e da inteligência, considerando os aspectos somáticos e mentais, ao longo das diferentes idades, ou seja, “todas as etapas que conduzem a criança do nascimento à idade adulta” (WALLON, 1975, p.140). A psicologia de Wallon, porém, é construída, como ele mesmo afirma em numerosos artigos, segundo o método dialético. Zazzo (1975, p.9), que com ele trabalhou por 25 anos, diz-nos que “Wallon é a introdução e a ilustração do método marxista em matéria de psicologia”. O que significam essas palavras? Wallon (1972, p.XII) responde:

O materialismo dialético não conhece a causalidade com sentido único, mas demonstra como o efeito se torna causa capaz de modificar-se a si mesma e de engendrar também toda uma série de situações continuamente variáveis que tendem a resolver-se em equilíbrios apropriados e freqüentemente novos.

Essa perspectiva confere um caráter absolutamente original à forma como Wallon aborda os estágios de desenvolvimento. É certamente admirável que Rousseau tenha tido uma compreensão do desenvolvimento infantil tão próxima das concepções do início do século XX; entretanto, por genial que fosse - adiantando fórmulas que caberiam nos estudos de Pavlov, acerca do condicionamento, inspirando Kant, ao tratar da moral feita do amor indistinto do gênero humano -, ainda assim Rousseau era um homem do séc.XVIII, sujeito aos determinantes históricos do seu tempo, assim como Descartes foi um

homem do séc.XVII. Os comentários de Wallon (1937) sobre o *Tratado das Paixões* (1649) e a “psicologia de Descartes” não deixam dúvida de que Wallon é sensível ao movimento da história e às suas determinações.

Pedimos, aqui, a paciência do leitor para um rápido desvio. Algumas linhas atrás, fizemos menção ao nome de Pavlov (1849-1936). Consideramos importante voltar a ele, pois a leitura que o ocidente fez de Pavlov, sendo, quase sempre, apresentado como mecanicista e não dialético, distancia-se da análise que Wallon fez das pesquisas de Pavlov à luz do marxismo, pouco conhecida, de psicólogos e educadores progressistas, inclusive. Quando Wallon (1958, p.36) realça, em *Emilio*, a coincidência entre as proposições de Rousseau e os estudos de Pavlov sobre condicionamento, está elogiando a intuição de Rousseau, acerca de formas de lidar com o medo infantil, que antecipam a teoria científica que seria elaborada, muitos anos depois, por Pavlov. Wallon considera que Pavlov deixa clara a continuidade dialética entre a realidade material e os processos de construção social da consciência. Em texto publicado, originalmente, no ano de sua morte, Wallon (1975, p.95) declara

:

A ciência que [Pavlov] criou [...] não procura eliminar as particularidades individuais a fim de chegar a uma espécie de verdade estatística. Pelo contrário, registra cuidadosamente aquilo que a outros pode parecer um acidente fortuito e incômodo [...] não é a uniformidade aquilo que procura nas suas experiências, mas sim a diversidade.

É de Pavlov que fala, ou de si mesmo? O que está dito acima descreve a forma de Wallon de fazer pesquisa. Afinidade e admiração confundem-se. Melhor, porém, do que a citação acima, as palavras de Pavlov (apud JAKOBSON, 1959, p.72/73) traduzem a distância percebida por Wallon, entre a ciência do fisiologista russo e aquela dos mecanicistas:

A conduta do ser humano e do animal não dependem somente das propriedades inatas do sistema nervoso, mas também das influências que sofreu e sofre seu

organismo durante sua existência individual, ou seja, depende de sua educação ou aprendizagem constante no sentido mais amplo dessa palavra.

Após esse parêntese, em que fizemos saltar do texto o nome de Pavlov, para sinalizar o peso da psicologia soviética na ciência de Wallon, voltamos às críticas de Wallon a Rousseau.

Não é o dualismo espírito/razão que incomoda Wallon, menos ainda Rousseau não ter feito uso de um método científico, que estava por ser construído. A crítica de Wallon dirige-se à relação natureza/sociedade, no desenvolvimento da personalidade. A palavra natureza não tem um significado único, claro e fixo no discurso de Rousseau, mas seu caráter positivo é sempre assinalado, em contraste com o caráter negativo dado ao termo sociedade. Ora, para Wallon (JALLEY, 1990, p.215) “o homem é uma espécie indissocialmente biológica e social”. Piaget considerava mesmo abusivo o papel atribuído por Wallon à sociedade, na sua teoria do desenvolvimento. Wallon (1975, p.92) estava convicto de que “o meio mais importante para a formação da personalidade não é o meio físico, mas o meio social”. Pode-se, assim, compreender a impossibilidade de aceitar o silenciamento de Rousseau, sobre as relações da criança com o meio familiar, especialmente com a mãe, que constitui para Wallon o primeiro fundamento da vida psíquica. Dessa forma, a fragilidade da psicologia de Rousseau consistiria em deixar a sociedade de fora, “imaginar uma criança estranha à sociedade” (WALLON, 1958, p.18). Segundo Rousseau, o jovem só deveria entrar em contato com a sociedade quando tivesse condições de se defender dela e nela poder entender as paixões humanas sem experimentá-las. Essas condições, em *Emilio*, serão dadas por uma educação na qual a presença da sociedade limita-se ao preceptor, cuja missão será ensinar a busca da felicidade pessoal, o “amor-de-si”, o desejo do próprio bem-estar, motor essencial da atividade responsável pelo desenvolvimento das funções corporais e intelectuais.

A pedagogia de Rousseau

As linhas acima servem de introdução ao pensamento pedagógico de Rousseau, e à forma como Wallon o compreende e analisa.

Em 1921, ainda sob o impacto da primeira guerra mundial, foi criado o Grupo Francês de Educação Nova (GFEN), procedente da Liga Internacional de Educação Nova. Wallon foi Vice-Presidente, na época da fundação, e Presidente de 1946 até o ano de sua morte, em 1962. A Educação Nova reverencia o nome de Rousseau, um de seus precursores, que tanto influenciou o movimento escolanovista. Desse movimento participou Ovide Decroly, médico, psicólogo e educador belga, por quem Wallon tinha grande amizade. No texto de 1958, Wallon coloca uma distância considerável entre o pensamento de Decroly e o de Rousseau, utilizando-se do conceito de interesse, importante para ambos. O *Centro de Interesse* ocupa lugar de destaque na pedagogia de Decroly, mas se, em Rousseau, se trata do interesse individual, para o educador belga relaciona-se às necessidades fundamentais do homem, como alimentação, vestuário e proteção. Wallon (op.cit., p.24) diz: “O centro de interesse deixa de ser individual. É um procedimento de síntese entre conhecimentos a serem adquiridos. A criança percebe, ao mesmo tempo, a unidade e a utilidade”. O objetivo, diz Wallon, é preservar a integridade do objeto a ser estudado.

Também Makarenko, outro nome situado entre os representantes da Educação Nova, é colocado à distância de Rousseau. Diz Wallon (op.cit., p.31): “Rousseau está longe da pedagogia moderna, como de um Makarenko, por exemplo, na qual uma recomendação essencial é de organizar entre as crianças coletivos, tanto para o trabalho, quanto para o jogo e para tudo que deve ocupar sua existência” É um princípio que não encontra eco em Rousseau, que reconhece que o homem deve aprender a viver em sociedade, pois isso está escrito na natureza humana. Ele deverá amar o gênero humano; não sendo Deus, não pode bastar a si mesmo; assim a união com os semelhantes supre a fraqueza humana.

Entretanto a união de que fala Rousseau nada tem a ver com “a educação da personalidade no coletivo e somente através do coletivo” (MAKARENKO, apud CAPRILES, 1989, p.35). O “fatalismo” de Rousseau, diz Wallon, também não combina com o pensamento progressista de Makarenko, para o qual o futuro traz perspectivas pelas quais o esforço no presente se justifica. Diz Wallon (1975, p.240): “O grande estimulante deve ser a alegria do amanhã”. A Rousseau repugna a idéia de uma alegria adiada, em função de um futuro incerto. Deixemos que Rousseau (apud WALLON, 1958, p.22) mesmo o afirme: “Na incerteza da vida humana, evitemos sobretudo a falsa prudência de imolar o presente ao futuro”. Esse pensamento vai ser bem recebido na *Pedagogia Progressista* (1975), de Georges Snyders: a alegria no presente, mas com a condição de que se prolongue num amanhã, feito dos sonhos e esforços de um coletivo. Apontadas as diferenças, vamos às aproximações.

A importância da observação e da experimentação é acentuada tanto por Decroly (e outros contemporâneos), quanto por Rousseau; ambos reconheciam sua importância na aprendizagem. Segundo Wallon (1979, p.17),

Decroly queria que a escola fosse ativa, que a criança [...] fosse artesã das noções a adquirir, que fosse como um pequeno técnico e tomasse primeiramente contato material com as coisas, como o pequeno animal que vai atrás do mundo, adquire os conhecimentos que lhe são necessários para evitar os perigos que o ameaçam, ou para se dar prazeres que lhe são necessários.

Para Wallon, Decroly reunia as qualidades do grande cientista e do grande homem. Na *Educação Nova*, é o pensador que mais se aproxima de Wallon.

A *Introdução a Emilio* dialoga, em muitos momentos, com outro texto de Wallon, *Sociologia e Educação*, publicado em 1951, e que integra a coletânea *Psicologia e Educação da Infância* (1975). Nas primeiras linhas do artigo, Wallon define dois tipos de educação: a tradicional e a

educação nova. O que as diferencia, diz Wallon, é que a primeira traduz o ponto de vista sociológico (aqui Wallon se refere ao ponto de vista de Durkheim, com quem polemiza em vários trabalhos); a segunda traduz o ponto de vista da psicologia individual.

Se lermos a *Introdução*, após a leitura do artigo, iremos reencontrar as mesmas críticas a Maria Montessori: uma concepção sensualista do conhecimento. Wallon (1958, p.43) faz essa referência para dizer que, embora os escolanovistas se tenham inspirado em Rousseau, este e foi muito além no que se refere ao papel das sensações, no ato de conhecer: “Rousseau ultrapassa o sensualismo, no sentido de que não atribui unicamente às combinações entre as sensações o acesso às operações do entendimento”. Um pequeno trecho de *Emilio* reforça as palavras de Wallon.

Exercer os sentidos não é somente fazer uso deles, é aprender a julgar por eles, é por assim dizer, a sentir; porque nós não sabemos nem tocar nem ver, nem compreender, a não ser da forma como aprendemos. (apud WALLON, 1958, p.42)

Ao contrário do que pensam os sensualistas, não basta desenvolver certo refinamento dos sentidos, para conhecer uma realidade: os sentidos, agindo isoladamente, alerta Rousseau, facilmente distorcem a realidade.

Rousseau também ultrapassa Claparède, a quem Wallon (1958, p.58) inclui entre os “educadores naturistas”. Na educação “sob medida”, proposta por Claparède, o professor deve ser uma figura discreta, que acompanha atento o desenvolvimento de seu aluno, interferindo o menos possível no processo de aprendizagem. Em *Emilio*, bem ao contrário, o adulto, diz Wallon (op.cit. p.58) “tem um papel por vezes exorbitante, asfixiante. É ao mestre que cabe construir as experiências de seu discípulo e frear, se for necessário, o desenvolvimento intelectual”. Fará isto (e esta é a parte que mais agrada a Wallon) fundamentado em dados científicos sobre as etapas do desenvolvimento.

O caráter individualista da Educação Nova é denunciado e repudiado no artigo de 1951, o qual Montessori será chamada a ilustrar. Isso é esperado e de fácil compreensão, se sabemos que o autor é um pensador progressista, que, ainda jovem, aderiu ao socialismo de Jean Jaurès, que participou do Círculo da Rússia Nova, na década de trinta e filiou-se, na década de quarenta, ao PCF.

Não tão compreensível, porém, se esse pensador preside o GFEN; deve-se levar em conta que, na época, a grande maioria dos integrantes do GFEN eram comunistas. Teremos, também, que reconhecer a forma ambígua com que Wallon se coloca em relação a Decroly (o que vai se repetir em relação a Lucien Febvre], passando rapidamente pela marca individualista de sua pedagogia, para enfatizar, em várias linhas, o teor científico de seu método.

O leitor atento perceberá uma lacuna na *Introdução a Emilio*: a ausência de referências a Freinet, que é bem lembrado por Wallon, no artigo de 1951.

Pelo menos em um momento da *Introdução* parece-nos oportuno lembrar Freinet, quando Wallon (1958, p.25) reproduz o seguinte trecho de *Emilio*: “Ao invés de grudar a criança sobre os livros, se eu a ocupo numa oficina, suas mãos trabalharão em proveito de seu espírito”. Freinet, que integrava o GFEN, abraçou essa idéia com entusiasmo. Em 1925, conheceu a escola soviética, na forma idealizada por Pistrak, e introduziu no cotidiano escolar as oficinas, pelas quais o aluno inicia sua compreensão da lógica do processo produtivo, de forma livre, com instrumental variado. Em 1951, elogios a Freinet, em 1958, nenhuma palavra. O fato pode ser lido de duas maneiras: algo casual, omissão não intencional, ou como silenciamento proposital; nesse caso, devemos buscar-lhe uma explicação. O que se passou no espaço de tempo que separa o texto de 1951 do texto de 1958? Oliveira (1995) ajuda-nos a encontrar a resposta. Em 1953, após muita polêmica e ataques, vindos de intelectuais do PCF, Freinet é expulso do Partido. Entre os que contribuíram de forma decisiva para sua expulsão, estavam os ideólogos do PCF, Cogniot,

Garaudy e Snyders e também Henri Wallon. Esse é um fato que pode explicar Freinet não ser mencionado. Consideramos prudente, entretanto, não fazer afirmações taxativas; estamos buscando dar sentido a algo que chamou a atenção, compartilhando com o leitor nosso estranhamento e nossa reflexão.

COMENTÁRIOS FINAIS

Na leitura de *Emilio*, por Wallon, prevalecem as avaliações positivas das idéias de Rousseau. Romper com a escola jesuítica e fazer-lhe a crítica, apresentar argumentos aceitos pela psicologia do século XX são méritos apreciáveis, a que se juntam o “espírito dialético” e “a ressonância materialista incontestável” (1958, p.45). Wallon destaca todos esses aspectos. A psicologia de Rousseau, diz Wallon, serve de eixo para sua pedagogia, na qual um princípio deve nortear a relação da criança com o adulto: para cada etapa do desenvolvimento, práticas que irão ao encontro dos progressos do corpo e do espírito. Essa psicologia, porém, desagrade profundamente a Wallon (op.cit. p.57), quando se refere à mulher e à relação entre os sexos: “Sobre o problema feminino, é evidente que nossa civilização contemporânea volta as costas às concepções de Rousseau” Podia ser diferente? Poucas coisas mudaram tanto quanto o papel da mulher na sociedade e a sua relação com o masculino. Rousseau faz seu discurso no séc.XVIII. A sensibilidade de Wallon falou mais alto do que a compreensão racional sobre as conquistas e avanços, resultados de mudanças nas relações sociais de produção.

A pedagogia de Rousseau foi minuciosamente criticada por Wallon, que mostra sua oposição sempre que ela se afasta da pedagogia socialista. Faz isso na *Introdução*, como fizera no artigo de 1951, no qual a Educação Nova é comparada ao socialismo utópico de Fourier, Owen e Consideran, em contraste com as teses do socialismo científico e da pedagogia progressista. Um trecho do artigo ilustra o desencontro entre a perspectiva roussoniana,

que seria aquela da Educação Nova, e a perspectiva walloniana, que se define como progressista.

Numa época em que o domínio das ciências e das técnicas se torna cada vez mais a condição do progresso social, submeter a aquisição deste às invenções de que a criança é capaz parece uma distância desproporcionada entre suas capacidades espontâneas e o imenso patrimônio social que lhe competirá fazer prosperar. Neste sistema de educação, o afastamento do professor que é o representante deste patrimônio prova de que modo o ponto de vista individual prevalece sobre o da sociedade. (1975, p.232/233)

Ora, o *Emilio* de Rousseau desconsidera o progresso das ciências e das técnicas, e, se o professor tem um papel decisivo, não é para transmitir “o imenso patrimônio social”, mas antes para freiar a sua aquisição, cuidando para não precipitar aprendizagens que ultrapassem as necessidades e interesses imediatos da criança.

Se Wallon foi o Presidente do GFEN, que tanto aprendeu com Rousseau, foi, também, membro do PCF, que, na década de cinqüenta, “era marcado por um nítido fechamento ideológico e por uma adesão sem restrições às teses soviéticas em matéria de educação” (Oliveira, 1995, p.175). Essas teses incorporam o pensamento de Lênin acerca da estreita relação entre pedagogia e política (DOMMANGET, 1974). Não é uma pedagogia neutra, mas em franca oposição aos valores burgueses, crítica da “escola de casta” e da “escola de classe”. O que se lê em *Emilio*, e Wallon não deixa escapar, é o elogio dos valores burgueses; quando Rousseau fala da felicidade, que é mais provável quanto mais perto o homem está da natureza e quanto mais coincide com ela, não se refere a outra coisa que não seja a possibilidade de cada um atender às próprias necessidades. Para os intelectuais progressistas, entre os quais brilha o nome de Henri Wallon, não pode haver um futuro melhor, se não for para todos; a educação deve harmonizar os objetivos

pessoais com os objetivos da coletividade, como ensinou Makarenko. Se entendemos isso, então podemos entender o teor das críticas de Wallon a Rousseau, mas também o respeito e a admiração por aquele que, com muita coragem, atacou os alicerces da sociedade do seu tempo e da educação conservadora.

REFERÊNCIAS

CAPRILES, René. *Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista*. São Paulo: Scipione, 1989.

DOMMANGET, M. ***Os grandes socialistas e a educação***. Braga: Publicações Europa-América, 1974.

JALLEY, Émile. *Psychologie et Dialectique: textos de Henri Wallon*. Posfácio. Paris: Édition Messidor, 1990, p.189-241.

JALLEY, Émile. *Wallon, Lecteur de Freud et Piaget*. Paris: Éditions Sociales, 1981.

JAKOBSON, P. *Psicologia de nos sentimentos*. Montivideo: Pueblos unidos, 1959.

MANACORDA, Mário. *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Anne, M.M. *Célestin FREINET: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica*. Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

PIAGET, Jean. Posfácio. In: ZAZZO, R. *Psychologie et Marxisme*. Paris: Denoel/Gonthier, 1975, p.169-181.

SNYDERS, Georges. *Pédagogie Progressiste*. Paris: PUF, 1975. SNYDERS, Georges. En quel sens parler aujourd’hui d’une pédagogie wallonienne? *Rev. Enfance*, n.5, 1979, p.393-397.

TAAM, Regina. *Pelas Trilhas da Emoção*. Maringá: EDUEM, 2004.

TRAN-THONG. *Stades et concept de stade de développement de l'enfant dans la psychologie contemporaine*. Paris: J.Vrin, 1992.

WALLON, Henri. *Introduction à l'Émile, de Jean Jacques Rousseau*. Paris: Édition Sociales, 1958.

WALLON, Henri. *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. Prefácio. In: MERANI, A. *A psicologia infantil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

WALLON, Henri. Psychologie et Technique. In: *À la Lumière du Marxisme*, Paris: Éditions Sociales, 1937, p.128-1151. (Obra coletiva do Círculo da Rússia Nova)

WALLON, Henri. Introdução. *Vivre à Decroly*. Casterman, 1979, p.11-22. (Obra coletiva)

ZAZZO, René. *Psychologie et Marxisme*. Paris: Denoel/Gonthier, 1975.

Recebido em 18/7/2007 e aceito para publicação em 30/8/2007.

